

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

A COMUNICAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NUMA PERSPECTIVA FREIRIANA

TEXTOS PARA ANÁLISE E REFLEXÃO

Proposta de material didático-pedagógico apresentada pela professora Sueli Aparecida Alves do Nascimento como requisito do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE - Pedagogia), elaborado pela Secretaria de Estado da Educação sob a orientação do Prof.º Dr.º Raymundo de Lima, Universidade Estadual de Maringá.

## INTRODUÇÃO

A comunicação que propomos discutir na implementação desta proposta é dialógica no sentido da explicitação, e justificação do conteúdo para o aluno. Nessa perspectiva, de acordo com Freire (1982), o diálogo utilizado entre professor e aluno deve estabelecer uma relação de intercâmbio de conhecimentos e experiências, sendo considerado não apenas como uma conversação mas sim como uma busca recíproca do saber. A tarefa de comunicar é mais fácil e efetiva quando o professor conhece bem os alunos, seus repertórios comunicativos, seus objetivos e suas experiências, demonstrando interesse em ampliar e modificar esses repertórios. Da boa comunicação depende não só aprendizagem, mas também o respeito mútuo, a cooperação e a criatividade. O diálogo é o elemento fundador desta comunicação, Freire (1975,p.107) define diálogo como uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se de amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança, por isso só o diálogo comunica. E quando dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se então, uma relação de simpatia entre ambos. Só ai há comunicação.

## **CADERNO PEDAGÓGICO**

### **TEXTO 1**

#### **A COMUNICAÇÃO PROFESSOR E ALUNO: O SIGNIFICADO DA ESCOLA E DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM**

Os problemas enfrentados pela escola contemporânea como a indisciplina, a violência, o desinteresse, o baixo rendimento de aprendizagem e a evasão, nos obriga a fazer alguns questionamentos: afinal, o que a escola deve “ensinar”? Qual é o sentido da escola, hoje? Existe uma cultura própria da escola? Qual instrumento o professor usa para melhor ensinar ou educar?

Pretendemos fazer uma fundamentação teórica necessária à superação de respostas espontâneas, que somos tentados à recorrer quando nos deparamos com tais questionamentos. Há que considerar a importância da autocrítica do professor sobre seu desempenho na sala de aula no sentido de poder contribuir para uma análise significativa sobre a educação que preconizamos e a educação que fazemos.

Para Romanelli (1998) a educação brasileira tem se caracterizado por uma certa subserviência aos interesses emergentes da chamada “lógica do mercado”. A autora contextualiza que a educação brasileira tem vivido a partir dos meados do século XX segundo as demandas sociais e o sistema de produção, ou seja, quando o sistema de produção se dava num processo arcaico a escola não foi chamada para formação do quadro de qualificação de recursos humanos, sendo então uma educação que atendia ao momento histórico, tendo um papel de formar para o ócio ou para as carreiras liberais. Quando a economia entra no processo de modernização e surge novas exigências de mercado, a escola apresenta-se em defasagem, mas mesmo assim, enquanto a modernização econômica estiver implicada com a importação tecnológica a escola não será chamada, a não ser nos setores básicos da expansão econômica para o treinamento e qualificação de mão de obra. Porém, o advento da revolução de 30 e a intensificação do capitalismo industrial no Brasil pressionam o aparecimento de novas exigências educacionais, isto é, a nova situação implantada veio modificar profundamente o quadro das aspirações sociais em matéria de educação. A expansão escolar que se verificou a contar de então passou a sofrer, de um lado, a pressão social da educação em torno da democratização do ensino e, de outro, o controle das elites mantidas no poder.

Romanelli (op.cit.) também chama a atenção para a questão do desenvolvimento da pesquisa científica. Segundo ela, a escola não é solicitada a fornecer o progresso científico, pois este carece de função junto à economia e que as relações que podem existir entre educação e sistema econômico são mais profundas, elas se medem não apenas em termos de defasagem. A estratificação e a herança cultural pesam como elementos predominantes na escola e na escolha do tipo de educação a prevalecer.

Para Saviani (2003), a educação e política são faces de uma mesma moeda. Embora aparentemente “opostas” cada uma é determinada pela outra, mas não se misturam. Ainda que o resultado delas vise o mesmo fim (a prática social), e que esta última também não se desseca em si mesma, ambas realizam um movimento cíclico sacudindo “as ondas” da educação e da política.

Na história da educação brasileira os interesses das elites sempre predominaram e o espaço escolar tem sido palco das “lutas de classes”. É exatamente considerando-o como espaço de “luta” (atividade) e não apenas de “reprodução” (passividade) e manutenção dos valores da classe dominante, que propomos repensar a escola, sua cultura, sua finalidade e seu significado.

As mudanças que a sociedade está vivendo nos revelam os desafios que escola e os professores devem enfrentar para responder *pedagogicamente* às exigências dos novos tempos. Entendemos que a crise da escola e a crise da relação entre aluno e professor não se restringem ao campo educacional, mas estão relacionadas com as crises da instituição familiar, dos valores, dos costumes, da economia, dos preceitos religiosos, da instituição política, etc.

Como instituição, a escola é sempre uma expressão do conhecimento consagrado, uma resposta aos desafios da estrutura social e dos determinantes históricos e culturais. Reconceituar hoje a função precípua da escola é imprescindível para redefinir seu papel, bem como inovar o estilo de ser docente.

Segundo Gasparin (2005) o foco da ação pedagógica consiste em unir o conhecimento vivencial-experencial dos alunos, o ponto de chegada como ponto de partida. Assim, a função da escola consistiria em ligar dialeticamente a cultura primeira do aluno à cultura de massa e a cultura elaborada.

A tarefa principal da escola é trabalhar com os conhecimentos sistematizados, científicos, mas a partir da realidade [concreta], isto é, fazer com que os conceitos cotidianos ascendam aos científicos e estes desçam aos cotidianos para que se tornem científicos no cotidiano, por meio da mediação do professor.(GASPARIN, 2005, p. 115).

Pensamos que cada momento do ato pedagógico e cada conteúdo a ser trabalhado exigem um pensamento sistematizado do professor. Cabe ao professor se perguntar: qual é a finalidade de ensinar tal conteúdo? Estou sabendo como mediar? O canal comunicativo é adequado a cultura do aluno ou da turma? Caso contrário, o professor demonstra não ter consciência de sua

função social, cultural, e dos instrumentos e recursos disponíveis para melhor ensinar. Segundo Gadotti (2005), há uma luta no interior da educação e da transmissão de uma cultura existente (ciência, valores, ideologia), que é a tarefa conservadora da educação, e a necessidade de criação de uma nova cultura que é a tarefa revolucionária da educação.

É sabido que até a ciência se rende aos interesses de classe. Precisamos nos perguntar o que seria uma pedagogia que trabalhasse na construção de uma nova cultura num sistema classista; qual a diferença entre uma pedagogia conservadora e uma pedagogia revolucionária? Gadotti (2005) nos alerta que “em si mesma, por si, nenhuma pedagogia é revolucionária”.

Ainda que exista tais interesses de classes ou de grupos, pensamos em fazer uma educação diferente; entendemos que não devemos primeiro esperar ocorrer mudanças radicais no sistema político para depois agir no interior das escolas. Entendemos que a escola ao cumprir o seu papel ensinante pode *contribuir* para a mudança do sistema, a longo prazo. Conforme Marx (apud Gadotti, 2005, p.59) “A eficácia do discurso pedagógico deve-se menos à lógica interna do enunciado do que à coerência do que é afirmado com aquele que o afirma”.

Sendo assim, uma pedagogia revolucionária precisa refazer-se nas suas próprias bases, iniciando pelo currículo e a relação entre professor e aluno. A ênfase sobre a comunicação entre esses dois personagens parte do pressuposto do diálogo *com* e *sobre* o conteúdo culturalmente construído, sustentado tanto pelos textos clássicos da filosofia e da literatura como pelas conquistas da ciência.

A comunicação entre professor e aluno, alunos e alunos e desses dois com o estabelecimento escolar, não podem prescindir do conflito das idéias, do entendimento da cultura e do discurso da ciência, que não são neutras. Cabe ao professor ser um mediador eficiente, isto é, deve ser um porta-voz das conquistas da civilização ou cultura, e da ciência.

No ato de ensinar o professor se expõe, podendo até pode gerar conflitos, com suas crenças, valores e pré-conceitos aprendidos em meio ao senso comum. Cabe ao aluno não necessariamente abandonar seu ponto de vista empírico, mas confrontá-lo com outras leituras propostas pelo professor. Também se expondo intra e extra escolar, o professor poderá causar adesão ou aversão nos seus alunos, mas não poderá jamais causar indiferença. A não-indiferença será o termômetro do diálogo e da comunicação; somente a não indiferença perante um determinado conteúdo dirá se está se realizando uma verdadeira comunicação entre o professor e “seu” aluno.

Essa pedagogia que tentamos descrever, segundo Gadotti (op.cit), é a pedagogia que ensina, que faz apreender para além da escola, pelo que ela ensina, transmite; fará *diferença* se o professor *vai além* das explicações dos manuais didáticos sobre temas como o racismo, guerras, desigualdades. Portanto, o professor deve sustentar uma presença atuante pelo que comunica,

escuta, e responde. Sua palavra deve conter argumentos e proposições; sua escuta deve acolher todo e qualquer questionamento; sua resposta deve ser sincera e abrangente. Ou seja, ele deve problematizar os assuntos segundo o contexto histórico e a sociedade que vivemos.

Iniciamos este texto questionando para que serve a escola, qual sua finalidade, que definição de cultura escolar temos. Para responder a estas questões não basta que ficamos nos embasando teoricamente. Precisamos começar por observar *sistematicamente* nosso ambiente escolar vivido no cotidiano. Este certamente diz muito da cultura que temos da escola; por exemplo, se em nossas observações sobre tal ambiente aparecer carteira enfileiradas, quadro de giz, talvez alguns recursos tecnológicos, professor falando, alunos em silêncio, podemos questionar sobre a eficácia desse modelo de ensino. Não é possível manter um diálogo com alguém olhando em sua nuca, não é possível constituir relações ou interagir nessas circunstâncias. Podemos ainda projetar, *o que e como* vou ensinar esse ou aquele conteúdo amanhã? Ou, por que será que alguns alunos não aprendem? Quando perguntam: por que aprender isso? Provavelmente, o que querem saber é qual o sentido do que lhes está sendo ensinado.

Alguns professores ao serem questionados sobre a relevância de estarem dialogando com seus alunos o conteúdo a ser estudado e porque estudá-lo responderam que acham importante, mas que os alunos não demonstraram maturidade suficiente para esse tipo de conversa; que na maioria das vezes só fazem tarefas solicitadas pelos professores. A mesma questão ao ser “trabalhada” com os alunos é respondida, que ao saberem o que esta sendo estudado tal esclarecimento faz com que eles levem o estudo mais a sério, e não só como obrigação.

Pensar uma pedagogia que sacuda o jovem de sua apatia, indiferença ou alienação, nos leva compartilhar com Paulo Freire (1996, p. 86), que afirma:

O bom professor é o que consegue enquanto fala, trazer o aluno até à intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Leila Maria; RODRIGUES, Livia de Araújo Lomini. **O encontro nosso de cada dia**. São Paulo: Loyola, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, João Luiz. **Didática**: Processo de trabalho em sala de aula. Formação de Professores. Maringá: Eduem, Cadernos EAD n.14, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder**: Introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez, 1998.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1998.

## LEITURAS COMPLEMENTARES

GADOTTI, Moacir. **Comunicação Docente**. São Paulo: Loyola, 1975.

COSTA, Leila Maria; RODRIGUES, Livia de Araújo Lonnini. **O encontro nosso de cada dia**. São Paulo: Loyola, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIMA, Raymundo de. O professor, “sua” ética e a política. **Rev. Espaço Acadêmico**. n.º 66, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>> Acesso em: jul. 2007.

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES:

Leitura e análise do texto 1-(Material didático-pedagógico produzido no PDE) “A Comunicação Professor e Aluno: O significado da Escola e do Processo Ensino-Aprendizagem,

Questões para debate:

1 – Que cultura norteia nossa prática pedagógica na atualidade?

2 – A escola que temos é a escola que acreditamos e que queremos para formação dos nossos alunos? Qual o meu posicionamento dentro desta escola?

Filmes:

### **Conrack**

O propósito desse filme, é que se faça uma análise sobre a cultura que predominava naquela escola, e porque era assim. Também, pode-se fazer um contraponto da cultura presente em nossa escola e da cultura presente na escola do filme.

Texto 2

Título Comunicação Professor e Aluno

Problemática

Atualmente temos vivenciado no cotidiano escolar uma grande incompreensão e insatisfação entre professores e alunos. Parece que há uma dificuldade na comunicação dos

mesmos. Em conversas informais com os alunos observamos muitas vezes eles dizerem nada terem entendido de determinado conteúdo, e ao questionarmos é comum ouvirmos “então é isso que o professor estava falando”? Fato semelhante acontece com os professores que relatam: “expliquei tanto o conteúdo e na avaliação o resultado foi um arraso”. O professor tinha claro que havia realmente ensinado com seu discurso, mas os alunos não haviam aprendido. Observando essas falas, podemos perguntar, que cultura sustenta o docente no ato de ensinar? O aluno que vem a escola é porta-voz de qual cultura? Quais são os fundamentos da comunicação que orientam o diálogo entre professor e aluno?

Ao observamos os projetos pedagógicos de algumas escolas públicas do ensino fundamental e médio de Maringá, constatamos que os mesmos são unânimes em apresentar como objeto máximo da educação a formação de um cidadão crítico, ético e participativo. Mas, como esta se efetivando a prática pedagógica em direção a este objetivo? Qual é a nossa concepção de cidadão participativo, crítico e ético? Que peso tem a comunicação, entre professor e aluno na efetivação do processo ensino-aprendizagem e conseqüentemente na formação desse cidadão?

Dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira de agosto 2004, revela que: o conteúdo ministrado em sala está distante da realidade. Segundo a pesquisa, apenas 18% dos alunos entrevistados consideram o conteúdo como “bom”, “excelente” e “adequado à realidade”. Os dados fazem parte do “Relatório de Desempenho e Perfil socioeconômico dos Alunos da Rede Pública”. Do total de estudantes, 56% consideram a qualidade desse conteúdo entre regular e bom e 24% a classificam como insuficiente e regular([www.inep.gov.br/impresa/noticias/enem/news04](http://www.inep.gov.br/impresa/noticias/enem/news04)).

Em face das questões e considerações até aqui apresentadas, talvez dizer que o aluno não tenha aprendido com o discurso do professor pode soar como crítica à sua ação pedagógica. Freire, 1987 pontua: “Quanto mais analisamos as relações educador – educando, na escola, em qualquer de seus níveis parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras”. Para Freire a narração de conteúdos tende a petrificar ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores e dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito – o narrador, e objetos pacientes, ouvinte ou educandos.

Na terminologia Freiriana herdamos, de nossa formação acadêmica os pressupostos de uma *educação bancária* e embora rejeitando muitos os aspectos negativos dessa educação, não conseguimos supera-lo ao realizar nossa prática, estamos impregnados desse modelo. O modelo de educação bancária na concepção Freiriana é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos. Reflete a sociedade opressora, sendo a dimensão da cultura do silêncio. A educação bancária mantém e estimula a contradição (FREIRE, 1987). Considerando que

temos internalizado o aluno como ouvinte, deparamo-nos na maioria das vezes com uma prática pedagógica discursiva, na qual o aluno acaba assistindo as aulas apenas de corpo presente, até verbalizamos dizendo: os alunos ficam *viajando* durante as aulas.

Freire (2006) afirma ser importante que vivamos esta experiência entre falar ao educando e falar com ele, isso pressupõe que há momentos em que o professor(a) enquanto autoridade, fala ao educando, diz o que deve ser feito, estabelecendo limites sem os quais a própria liberdade do educando se perde na licenciosidade do educador, mas esses momentos se alternam com outros em que o educador(a) fala com o educando. Ainda, para o autor, se o (a) educador(a) tem uma opção democrática ela(e) sabe que o diálogo é não apenas em torno dos conteúdos a serem ensinados mas sobretudo a vida mesma, se verdadeiro não somente é válido do ponto de vista do ato de ensinar mas formador também de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe.

De acordo com Freire (1978, p.98):

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição, um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma inestruturada.

A propósito ao estarmos discutindo a comunicação, o diálogo professor e aluno, percebemos que não é possível ausentar a presença do professor, não só a presença física, mas sua presença transcendente. Gadotti 1975 sustenta: “O ensinante fornece mais do que um saber; ele traz um querer, um querer-saber, um querer-dizer, um querer ser: tudo isso faz dele uma coisa diferente de um simples transmissor de saber(...) no nível mais baixo da comunicação docente o mestre é transmissor do saber necessário e reconhecido como tal por toda sociedade. Em todo seu ensinamento ele deve se sacrificar para que seus alunos recebam o saber em sua integridade. Este nível é tão elementar que a presença humana pode ser substituída pela máquina, porém não se trata de fazer sozinho ou confiar à ciência a um instrumento eletrônico de boa marca. É preciso mais que isso, afirmar uma presença.

É interessante observamos o quão são múltiplas o *ser* professor. Além da capacidade de comunicação, um dos sentidos que precisa estar constantemente aguçado nele é a escuta, escuta interna e externa- ambiente interior e exterior da sala de aula, do aluno enquanto aprendiz e do aluno pessoa, dos conteúdos que retratam o contexto histórico-cultural- científico com a vivência extra-escolar imediata, consistindo, portanto, a necessidade da resignificação da relação entre professor e aluno. Entendemos que toda esta relação esta carregada da presença do professor, segundo artigo publicado na revista Palavra Certa Dialogo Eficaz pg.16. “A vida não depende

necessariamente, do que se passa em volta de nós, mas do que se passa em nosso âmago, por isso o professor precisa [aprender] escutar...” O mesmo artigo ainda coloca sobre a necessidade da coerência entre sentimentos, atos e expressão verbal de uma pessoa, ao se comunicar deve-se ver, refletir, rever a postura e analisar antes de falar, visto que a mensagem é captada pelo tom de voz, gestos, e expressão de quem interage com o outro. É preciso, portanto, que o professor tenha o compromisso de identificar os próprios sentimentos e ser autêntico, para que os atos, expressões sejam coerentes com as palavras emitidas.

Reforçando, é imprescindível que a educação seja uma comunicação autêntica entre professor e aluno. Ao burocratizar em demasia a ação pedagógica com cumprimento de currículos, calendários, fichas, entre outros, perdemos sua naturalidade e engessamos as relações a serem estabelecidas no ambiente escolar. Superar ou criar uma nova cultura passa pela nossa ação docente inovada e esclarecida; ação essa que não é do professor, mas construída no dia-a-dia pelo professor com seus alunos. Esta nova cultura pressupõe a superação dos ideários de uma educação bancária, na qual segundo Freire (1987) ditamos idéias, não trocamos idéias. Discutimos aulas, não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando, não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura.

É necessário que os conteúdos escolares não sejam vistos e comunicados como imposição, mas sim tratados como uma necessidade pessoal e social, afim de que, apreendidos e incorporados possam ser um instrumento de mudança social.

(Gasparin, 2005, p.115):

Concluindo, o essencial da atividade educativa são os conteúdos e conhecimentos escolares, que devem ser transmitidos numa relação dialógica entre professor e aluno. No entanto, o conhecimento é uma produção histórico-social e cultural, sendo o professor e o aluno os protagonistas desse processo, ambos precisam estar abertos para repensar e reconstruir os conteúdos através da pesquisa científica.

**Que cada professor(a) faça diferença no seu ato de ensinar.** O ensino regular visa levar os alunos aprenderem os conteúdos programados pelos currículos. Contudo, não se pode ensinar sem demandar também uma mudança educativa. Um ensino sem educação para *o pensar* é vazio de sentido prático e existencial. Uma educação sem aprendizagem dos conteúdos também é vazia e tende a degenerar em retórica moral e emocional. Ensinar e educar implicam ao mesmo tempo em responsabilidades: pedagógica, política e moral, dentro e fora da escola; implica, ainda, na responsabilidade do *coletivo* do professorado de civilizar a nova geração que irá povoar o

mondo. Lima, Raymundo “Escritores da Liberdade” Artigo base para discussão do projeto CINUEM. Maringá 28/02/2008.

#### Referência Bibliográficas:

FREIRE, Paulo. **Professora sim, Tia não**: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D’agua, 2006.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASPARIN, João Luiz. Formação de Professores - **EAD** n.º 14. Didática: Processos de Trabalho de sala de aula. UEM: 2005.

\_\_\_\_\_, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2003.

\*Para saber mais: **Lopes Antonia Ozima**, Aula expositiva; superando o tradicional. In: TÉCNICAS DE ENSINO: POR QUE NÃO?. Campinas: Papyrus, 1991, p. 35-48.

#### SUGESTÕES DE ATIVIDADES:

**Leitura do texto 2 “Comunicação entre Professor e Aluno na Concepção de Paulo Freire” (Material produzido no PDE).**

Faça uma análise sobre a educação bancária vislumbrando os pontos divergentes e convergente da educação que praticamos.

#### Questão

Na perspectiva que o texto discute o diálogo, como o mesmo pode contribuir para a apropriação do conteúdo?

#### Filme

Título: Desafio

O propósito desse filme é analisar o significado da aprendizagem enquanto crescimento pessoal e mudança social.

